

RESUMO

Apresentação do Grupo de Estudos Funcionalistas da UFG. Este estudo mostra o percurso teórico na formulação da noção de funções da linguagem, a partir do seu reconhecimento como construto teórico fundamental para uma concepção funcionalista, que reconhece a constituição social, interacional e cognitiva da linguagem. Os estudos pioneiros da Escola de Praga e os postulados do funcionalismo contemporâneo são, respectivamente, o ponto de partida e o ponto de chegada das reflexões desenvolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Função, funções da linguagem, concepção de linguagem, funcionalismo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Cabe, antes de apresentar um percurso teórico de funções da linguagem, justificar nossa presença neste número. Por isso, apresentamos brevemente o histórico da formação de um grupo de estudos funcionalistas na Faculdade de Letras.

O Grupo de Estudos Funcionalistas: contextualização

O Grupo de Estudos Funcionalistas da Faculdade de Letras da UFG (GEF) foi criado em Junho de 2004, sob a coordenação da Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão, função atualmente ocupada pela Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale. Entre os objetivos

* Professora da Universidade Federal de Goiás.
E-mail: vcasseb2@terra.com.br

do grupo está a divulgação de propostas teóricas de análise e descrição lingüística em uma perspectiva funcional da linguagem.

O conjunto de conhecimentos teóricos abrigados sob o rótulo *funcionalismo* concebe a língua como um sistema dinâmico cuja organização interna é direcionada para a obtenção da excelência na comunicação, isto é, esses conhecimentos que se constituem a partir de abordagens que consideram a estrutura gramatical e tudo que faz parte da situação comunicativa, tanto no plano lingüístico, quanto no plano extralingüístico.

Nesse sentido, o funcionalismo tem sua atenção voltada para o uso das expressões lingüísticas na interação verbal, o que equivale a uma concepção de modelo lingüístico em que se consideram os aspectos pragmáticos, além dos sintático-semânticos, ou seja, um modelo que reconhece na linguagem a manifestação do dinamismo das relações sociais. A história lingüística recente mostra que essa concepção funcionalista da linguagem vem sendo desenvolvida segundo diferentes pontos de vista, os quais têm em comum algumas postulações desenvolvidas a partir dos estudos da Escola de Praga (EP), que abriga nomes como os de Mathesius, de Jakobson e de Danes.

Essa perspectiva é aplicada à descrição e à análise lingüísticas a partir de diferentes modelos teóricos de alto grau de sistematização, dentre os quais destacamos aqueles propostos por Halliday (1979, 1985), Givón (1979, 1984, 1990), Dik (1989, 1997), Mackenzie e Gómez-González (2004), Groot e Hengeveld (2005). Essas postulações teóricas se diferenciam por privilegiarem um ou outro aspecto do comportamento lingüístico, mas têm em comum a questão básica de um modelo funcionalista, que é a verificação de como os usuários de determinada língua comunicam-se com eficiência.

A preocupação funcionalista é, portanto, com a competência comunicativa: “o que deve constantemente guiar o lingüista é a competência comunicativa, pois toda língua se impõe [...], tanto no seu funcionamento como em sua evolução, como um instrumento de

comunicação da experiência” (MARTINET, 1994). Há um interesse pela competência para construir e interpretar as expressões lingüísticas e para o seu uso de uma maneira interacionalmente satisfatória. Esse olhar para a competência comunicativa implica a noção de função num sentido amplo, que se relaciona ao papel da linguagem na vida dos indivíduos e que pressupõe a idéia de universalidade e de variabilidade. A concepção de língua presente é a de atividade social, que não existe por si mesma, mas em virtude do uso para fim de interação entre os seres humanos.

Trata-se de uma perspectiva em fase de divulgação e expansão no país. Maria Helena de Moura Neves, em seu livro *Gramática Funcional* (1997) e na *Gramática de Usos do Português* (2000), entre outras obras, é um dos nomes mais representativos dessa vertente entre nós. Essa lingüista tem orientado inúmeros trabalhos de dissertação e de tese, inclusive de professores desta faculdade,¹ mas há ainda muito a ser feito nesse sentido. É especialmente relevante o fato de que o arcabouço teórico funcionalista seja de aplicação ao ensino, o que não se vislumbra, por exemplo, com o modelo formalista de Chomsky.

Merecem menção os trabalhos de divulgação e utilização do pensamento funcionalista desenvolvidos pelo grupo sediado na Unesp de São José do Rio Preto, liderado pelos professores Roberto Gomes Camacho, Erotilde Goreti Pezatti, Marize Mattos D’Aglio-Hattner e Sebastião Carlos Leite Gonçalves, e do grupo sediado na UFRJ, liderado pelos professores Sebastião Votre e Mario Martelotta.

As atividades do GEF são norteadas especialmente pelo que se tem conhecido como funcionalismo holandês. Num primeiro momento, pelo modelo teórico de Gramática Funcional (GF) proposto por Simon Dik, e, mais recentemente, pelas postulações teóricas resultantes da releitura desse modelo, liderada por Kees Hengeveld e conhecida como Gramática Funcional do Discurso (GFD), teoria ainda em fase elaboração, mas já discutidas nas reuniões atuais do GEF, em razão das facilidades tecnológicas para seu acesso.

O GEF na FL/UFG: breve histórico e produtos

O pensamento funcionalista, tanto num sentido amplo como num sentido estrito, tem embasado diversos trabalhos de pesquisa da Faculdade de Letras da UFG, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação. São investigações voltadas para o ensino de língua materna e para a descrição e a análise do português do Brasil, para a aquisição da linguagem, para a aquisição da escrita e para aprendizagem de língua estrangeira. O contato entre esses pesquisadores, via sala de aula ou via orientação, revelou um anseio comum: o desejo de ter, para um melhor desenvolvimento de seus trabalhos de pesquisa e sedimentação de sua formação lingüística, um conhecimento sistematizado a respeito do pensamento funcionalista e, conseqüentemente, de postulações funcionalistas representativas, especialmente as que estão em *An introduction to functional grammar*, de Halliday (1985), *Funcionalism and grammar*, de Givón (1995), *The theory of functional grammar* (v. 1, 2), de Dik (1989, 1997), *A new architecture for functional grammar*, organizada por Mackenzie e Gómez-Gonzáles (2004), *Morfosyntactic expression in functional grammar*, de Groot e Hengeveld (2005), entre outras obras.

Por isso, desde junho de 2004, temos nos reunido quinzenalmente, lido e discutido obras funcionalistas de referência, temos sistematizado esses conhecimentos em produções escritas, verificado sua validade em atividades de descrição lingüística, de ensino, e de análise de casos de aquisição de língua escrita e da linguagem. Compartilhamos os resultados dessa aplicação com a comunidade científica local em dois *workshops* e em um simpósio, e com a comunidade científica geral em vários eventos locais, nacionais e internacionais. Merece menção o encontro intergrupos de Estudos Funcionalistas, realizado em Barra do Garças (MT) em abril de 2006, organizado em parceria com o sub-grupo do GEF, sediado nessa cidade, palco de conferências, debates e de oito cursos sobre temas relacionados.

Nesta publicação, trazemos alguns dos temas abordados nas conferências, nas comunicações de pesquisas concluídas e nos debates de trabalhos em andamento promovidos durante os Simpósios Integrados de Letras/Simpósio em Gramática Funcional, em outubro de 2005.

O Simpósio em Gramática Funcional permitiu que temáticas fundamentais envolvendo as manifestações lingüísticas inerentes à interação no contexto sociodiscursivo fossem discutidas com funcionalistas de relevância nacional, num exercício dialógico que permitiu a professores da educação básica, alunos e professores de graduação, alunos e professores de pós-graduação compartilharem reflexões a respeito desse grande espectro epistemológico emoldurado pelos pressupostos teóricos funcionalistas e que tem uma possibilidade de aplicação em diferentes orientações, seja de natureza teórica, descritiva ou aplicada.

Os trabalhos aqui publicados sintetizam as discussões que se vêm promovendo ao longo desses dois anos de existência no âmbito do GEF. Eles estão organizados a partir da concepção de que o arcabouço teórico funcionalista destaca-se por essa multiplicidade de aplicação de uma concepção sócio-cognitivo-interativa da linguagem, que reconhece o dinamismo do sistema lingüístico que se constitui no uso efetivo da linguagem. Isso significa discutir princípios funcionalistas cujo escopo ultrapassa a descrição lingüística de orientação discursiva e reconhecer sua aplicabilidade à análise de diferentes fenômenos lingüísticos que vão desde a constituição do léxico e da gramática, passando pelas questões relativas ao uso da língua e o ensino de língua materna, e pelos aspectos sócio-históricos envolvidos nas escolhas discursivas.

Por isso, a ordenação dos artigos foge à tradicional ordem alfabética e, por motivação epistemológica, pretende compor um conjunto de conhecimentos que mostre uma visão geral do pensamento funcionalista, a formação de uma “gramática” funcionalista: um princípio funcionalista básico; e exemplares de trabalhos funcionalistas descritivos, aplicados e analíticos, no sentido de revelar o amplo espectro de aplicação dessa perspectiva sobre a linguagem.

Em “Panorama geral das teorias funcionalistas”, Erotilde Goreti Pezatti (Unesp) apresenta um quadro geral das diferentes tendências funcionalistas, e, sempre que possível, lança vistas ao processo histórico de sua formação, tendo como referência temas que alicerçam esse corpo teórico; em “Funcionalismo Holandês: da Gramática Funcional à Gramática Funcional do Discurso”, Roberto Gomes Camacho (Unesp) mostra as várias etapas na formação do funcionalismo de origem holandesa, a Teoria da Gramática Funcional, reforçada qualitativamente pelas postulações que compõem a Gramática Funcional do Discurso.

Trabalhos representativos de descrições do português do Brasil são “A gramaticalização do até”, em que Leosmar Aparecido Silva (UEG) traz uma análise das funções semânticas desempenhadas pelo *até* na fala da cidade de Goiás, a partir da teoria da gramaticalização, subdomínio integrante do pensamento funcionalista; e, “Léxico e discurso: as classes de palavras no léxico especializado da economia”, em que Elisabeth Alves (UnB) propõe, a partir da Gramática Funcional do Discurso, um estudo das alterações nas classes de palavras predicativas que estão a serviço das necessidades expressivas dos usuários do léxico da economia.

Para justificar a afirmativa de que o pensamento funcionalista se presta à aplicação em diferentes áreas dos estudos lingüísticos, em “Integração dos componentes da linguagem: uma visão funcional do ensino de LP”, André Luiz Rauber (UFMT), recorre à concepção de linguagem subjacente a princípios funcionalistas básicos para refletir acerca de uma prática interdisciplinar de ensino de língua portuguesa; em “Aquisição da escrita: a emergência de construções metafóricas”, Iêda Cristina Gontijo Arriel (UFG) analisa o processo de aquisição de conceitos básicos na língua escrita, reconhecendo a metáfora como mecanismo constitutivo da linguagem; e, finalmente, em “Uma interpretação sócio-histórica para a expressão da modalidade epistêmica na fala de uma comunidade afro-descendente de Goiás”, André Marques do Nascimento (UFG) estuda o uso de modalizadores

epistêmicos, elementos de ancoragem da enunciação, relativos à expressão da verdade do conteúdo proposicional, considerando os processos sócio-históricos inerentes à configuração lingüística de uma comunidade de fala afro-descendente.

A seguir, percorremos teórica e historicamente a formulação da noção de funções da linguagem, tendo como ponto de partida os trabalhos da Escola de Praga e como ponto de chegada o funcionalismo contemporâneo.

AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Uma noção fundamental para o pensamento funcionalista, a de *funções da linguagem*, direciona abordagens com alto grau de sistematização como as de Halliday (1970, 1985) e a de Dik (1980, 1989), as quais têm como ponto de partida postulações desenvolvidas na Escola de Praga (EP).

Os estudos feitos por Mathesius, Jakobson e Danes, principalmente, perfazem o marco para a explicitação de diferentes concepções de funções da linguagem, as quais serão apresentadas e discutidas considerando-se que cada reformulação do que estamos denominando Teoria das Funções da Linguagem auxilia a compor o paradigma funcionalista.

Na Escola de Praga (EP), Tchecoslováquia

Os trabalhos da EP desenvolveram-se nas quatro primeiras décadas do século XX, e seus autores integram o que se conhece como Círculo Lingüístico de Praga (CLP), liderado e idealizado por Vilém Mathesius, e que abrigava nomes como Trubetzkoy e Jakobson.

O 1º Volume dos *Trabalhos do Círculo (Travaux du Cercle)* contém as nove *Teses do Círculo de Praga* e envolve problemas de lingüística geral. Há um predomínio de estudos (3) de base fonológica, e

uma leve investida na promoção de estudos sintáticos. *As Teses* traziam uma concepção da língua como sistema funcional no qual os aspectos estrutural (sistêmico) e funcional convivem lado a lado. Os termos *função* e *funcional* eram aplicados a domínios e fenômenos lingüísticos diversos e segundo noções variadas, o que lhes dava uma certa vagueza. No entanto, há importância nos objetivos funcionalistas da lingüística de Praga, a saber:

- a) A tentativa de enumerar as diferentes funções da língua
- b) A concepção da língua como *sistema funcional*
- c) A definição das tarefas que devem ser abordadas no estudo de um sistema lingüístico (FONTAINE, 1978).

Nesse contexto, as *funções da língua* eram empregadas no sentido amplo, de diversidade de emprego e de modo de realização, com forte influência de Karl Bühler.

As postulações de Bühler deram base filosófica ao aspecto funcionalista dos estudos de Praga. Ao contrário de Saussure, para quem a função é exercida na estrutura da língua, para Bühler, a função é essencial à linguagem ou à língua, é uma força constitutiva da língua. Bühler (Osório, 1971, Fontaine, 1978,), seguindo a distinção de Husserl entre expressão (*Ausdruck*) e significação (*Bedeutung*), propõe a *axiomática da pesquisa lingüística*, cujos princípios fundamentais eram o modelo *órganon* (a língua como instrumento) e a natureza significativa da língua.

Segundo a proposta de Bühler, no ato do discurso, se fala de algo para alguém, ou seja, a sociabilidade está na base da língua. Esse postulado considera uma tríplice relação presente no enunciado:

- a) Com o estado de coisas do qual se fala (representação)
- b) Com o sujeito falante (expressão)
- c) Com o sujeito interpelado (apelo).

Tempos depois, Bühler reformula essas postulações e as funções de representação, de expressão e de apelo são renomeadas, segundo noções semânticas, como funções de símbolo, de sintoma e de sinal.

Para ele, os fenômenos lingüísticos seriam, então, formações significativas em diversos graus. Tais considerações direcionam a enumeração das diferentes funções da linguagem a partir da distinção entre linguagem interna e linguagem expressa.

A língua, em um primeiro plano, seria caracterizada por um certo grau de intelectualidade ou de afetividade, o que faz presumir a expressão da linguagem intelectual – destinada às relações com outrem –, e a linguagem emocional – que serve para suscitar emoções no ouvinte ou provocar a interpretação da descarga de emoção do locutor. Assim, quanto ao vínculo com a realidade extralingüística, reconhece-se, como função básica na linguagem, a função de comunicação – quando o enunciado é dirigido ao significado –, e, como secundária, a função poética – quando o elemento destacado é o significante. A função de comunicação abrange as funções *representação* e *apelo*, de Bühler (OSÓRIO, 1971; FONTAINE, 1978).

A concepção de língua é teleológica: seus instrumentos são utilizados visando a um determinado fim. Nesses termos, o objetivo da língua pode ser a comunicação ou a expressão, dependendo da intenção do locutor, que é reconhecida como o fundamento do discurso. Essa concepção é concretizada no plano das *tarefas* a serem abordadas em um estudo do sistema lingüístico, sendo o termo *tarefas* entendido como *função, propósito* ao qual as entidades lingüísticas servem. O ato sintagmático básico para a sintaxe funcional do CLP é a predicação.²

O precursor desse novo método investigativo é Mathesius, que pretendia repensar a sintaxe em termos de função e não apenas de forma (OSÓRIO, 1971; FONTAINE, 1978; DANES, 1987). A Lingüística do Círculo de Praga seria do tipo orgânico: compreenderia os estudos dos processos envolvidos na atividade denominadora da realidade extralingüística, “atividade da qual resulta a palavra considerada do ponto de vista da função” (Teses, apud FONTAINE, 1978, p. 26), e a colocação dessa atividade nas formas dos enunciados de acordo com as situações de enunciação. O ponto de partida é a necessidade da comunicação. Os

problemas de transmissão de informação foram tratados segundo a noção de *perspectiva funcional da frase* (PFF): “A maneira de se considerar a frase, enquanto elemento da linguagem, como um conjunto de meios apropriados ao fim da informação” (ASCOMBRE; ZACCARIA, 1990, p. 13).³

Por essa visão, a língua é definida como um sistema de sistemas e cada função corresponde a um subsistema localizado no nível da frase. A frase seria uma unidade passível de análise nos níveis gramatical – fonológico, morfológico e sintático –, semântico e comunicativo.

Os praguenses não conseguiram mostrar como se dá a interação entre cada um desses níveis gramaticais nem mesmo delimitá-los claramente, uma vez que privilegiaram os estudos fonológicos. A importância desse trabalho está na análise do enunciado, a partir do ponto de vista da intenção informativa do locutor (OSÓRIO, 1971; FONTAINE, 1978; DANES, 1987; ASCOMBRE; ZACCARIA, 1990), e na inclusão do plano semântico no plano fônico, um importante passo para os estudos da significação.

Os méritos dessa tentativa de teorização lingüística fizeram que grande parte desse ideal teórico “funcionalista” fosse retomada mais tarde. No segundo período de apogeu da EP, por volta dos anos 60, o grupo identificado como Escola Lingüística de Praga (ELP) rediscute e redimensiona as questões sobre as funções da linguagem e sobre a perspectiva funcional da frase: Firbas (1987) e Danes (1974, 1987), entre outros.

O marco dessa releitura está em Jakobson (1960), que, partindo de Bühler, da concepção de funções como constitutivas das línguas, compõe um quadro organizador das funções principais da linguagem. São seis funções, que, dentro do clássico esquema de comunicação, evidenciam ora um ora outro fator constitutivo de qualquer processo lingüístico.

Para Jakobson (1960), *remetente*, *contexto*, *mensagem*, *contato*, *código* e *destinatário* estão presentes em todo ato lingüístico, que ocorre da seguinte maneira: o remetente envia uma mensagem a um destinatário. Para que surta o efeito desejado, a mensagem, que deve ser verbal ou

suscetível de verbalização, requer um contexto referente, que seja apreensível pelo destinatário, requer também um código comum aos participantes, e, finalmente, um contato, um canal físico e uma conexão psicológica que capacitem remetente e destinatário a entrarem e a permanecerem envolvidos na comunicação verbal.

Figura 1. Esquema de interação verbal de Jakobson (1960, p. 123)

	Contexto	
Remetente	Mensagem	Destinatário
.....
	Contato	
	Código	

Quando o remetente é o centro do ato lingüístico, depreende-se a *função emotiva*; a *função referencial* evidencia o contexto; a *função poética* é orientada para a mensagem; a *função fática* destina-se a estabelecer, prolongar ou interromper a comunicação, sendo, portanto, centralizada no contato; a *função metalingüística* está centrada no código; e, por fim, a *função conativa* tem o destinatário como fator preponderante.

Para Jakobson, apesar de o locutor já não ser tão autônomo quanto sugerem as propostas de análise da ELP, uma vez que o interlocutor também impulsiona uma função da linguagem, a língua continua sendo vista como um código. Também nesse novo momento da lingüística praguense, permanece a idéia de que a língua deve ser analisada como um sistema de sistemas – em que cada uma dessas funções corresponde a um subsistema. Considerada a língua como um sistema de meios apropriados a um fim, surge a concepção da comunicação como um fenômeno dinâmico.

As propostas da EP revelam que o termo *função* contém valores semânticos diferentes, que vão além do sentido de função comunicativa. *Função* também é entendida como um elemento integrante do sistema

que permite opor um signo ou parte de um signo aos outros signos ou partes de signos de um sistema. Desse modo, a função seria inerente até mesmo à própria idéia de sistema, seria um re-arranjador das relações estabelecidas no interior de uma estrutura. Essa concepção, segundo Fontaine (1978, p. 47), ajudou a justificar a qualificação funcionalista que a ELP sempre procurou cultivar.

Na verdade, ainda que os estudiosos da EP tenham percebido o dinamismo comunicativo, ele não chega a ser mostrado. Um dos impedimentos para isso é a noção de codificação/decodificação. Eles apresentam a idéia de um locutor autônomo cuja vontade motiva a atualização de um enunciado. Essa centralização na figura do locutor mostra uma visão da língua como portadora de um quase-dinamismo, e da relação de interação de modo unilateral. As relações lingüísticas são apresentadas como totalmente pré-determinadas e previsíveis.

Enfim, há entre os membros da EP, em ambos os períodos de apogeu da lingüística praguense, uma visão de que toda conduta verbal está voltada para um fim, embora os objetivos variem. Há ainda uma grande preocupação com a conformidade entre os meios empregados e os efeitos visados. Trata-se de uma leve investida na promoção de estudos segundo uma perspectiva funcional da frase.

O funcionalismo da EP é uma espécie de estruturalismo. Trata-se de um estruturalismo diferente do estruturalismo americano, por exemplo, que define estrutura como “a repartição de elementos tal como se verifica e a partir da capacidade que eles possuem de associação ou substituição” (BENVENISTE, 1954 apud FONTAINE, 1978, p. 47). O estruturalismo de Praga tem por objetivo a “ordenação de um todo em partes e a solidariedade demonstrada entre as partes do todo que mutuamente se condicionam” (FONTAINE, 1978, p. 47).

Já que Mathesius, seus companheiros e seus sucessores não chegaram a romper completamente com o estruturalismo, ou seja, não conseguiram fazer uma sintaxe “funcionalista” em um sentido estrito, o termo que melhor identifica os postulados até aqui esboçados é “estruturalismo-funcional” (DANES, 1987).

É notável, no entanto, que os postulados praguenses, principalmente as questões envolvendo as funções da linguagem, a perspectiva funcional da frase e a constituição sintática em níveis são pontos de referência para os principais modelos de descrição lingüística de cunho funcionalista conhecidos atualmente. Duas dessas abordagens têm como principais representantes Halliday (1985) e Dik (1989, 1997).

No funcionalismo americano e no funcionalismo holandês

A principal questão compartilhada por Halliday, principal nome do funcionalismo americano, e a EP relaciona-se às funções externas do sistema lingüístico: ao papel que essas funções desempenham na experiência humana. Para Halliday (1973, 1985), essas funções não seriam apenas integrantes do sistema, como sugerem os estudos da EP, elas seriam metafunções da linguagem refletidas na própria organização interna da língua.

Por esse caráter constitutivo, as metafunções coexistem na estrutura sintática e são reciprocamente relacionadas aos níveis sentenciais. Diferentemente de Danes (1974, 1987), praguense que tentou evidenciar as relações passadas na estrutura comunicativa, na estrutura semântica e na estrutura gramatical da frase, reconhecendo o nível gramatical como predominante, Halliday (1973, 1985) não considera que haja hierarquia entre os níveis: as metafunções são equivalentes e simultâneas, o que corresponde à igualdade de importância entre os vetores de cada uma delas – *transitividade*, *modo* e *tema* – e ao mapeamento simultâneo das camadas semântica, sintática e pragmática entre si.

A *metafunção ideacional*, ou expressão do conteúdo, expressa as experiências do mundo interno e externo do falante. A manifestação dessa metafunção na constituição sintática dar-se-ia na *transitividade*, a qual, de maneiras diversas, categoriza nossa experiência.

A *metafunção interpessoal* expressa os papéis do discurso, ou seja, expressa o uso da linguagem pelo falante como um meio de participar

do evento de fala. Esse é o domínio em que estão as manifestações pessoais e as relações passadas na interação, as quais são expressas pelo *modo*. E por fim, a *metafunção textual*, instrumental para as duas primeiras, presta-se a dar ao texto operacionalidade co-textual e situacional. O princípio básico é que o texto reflete uma experiência cognitiva e é inerente à interação. Essa metafunção é expressa pelo *tema*.

Em resumo, enquanto Danes reconhecia a estrutura frasal como provedora da funcionalidade das unidades lingüísticas, para Halliday (1985), esse é um papel desempenhado pela metafunção textual. A manifestação dessas metafunções na organização lingüística está intimamente vinculada à concepção que Halliday tem da língua, que, para ele é esboçada em uma gramática sistêmica, ou seja, em uma gramática que distingue significados como escolhas. Para Neves (1997, p. 60) “escolha, nesse caso, não implica, necessariamente, escolha consciente, nem escolha livre, o grau de consciência pode variar de uma escolha completamente subconsciente até a plena e explícita escolha consciente.”

E, referindo-se a Halliday (1973), essa mesma autora complementa:

A gramática é, afinal, o mecanismo lingüístico que liga umas às outras as seleções significativas que derivam das várias funções da linguagem, e as realiza numa forma estrutural unificada. [...] A gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz seleções simultâneas, seja qual o uso que esteja fazendo da língua. (1997, p. 60)

Nos termos de Davidse (1987), Halliday distingue entre língua como sistema e língua como processo. O sistema pode ser pensado como uma enorme rede de opções inter-relacionadas: uma rede de significado paradigmático potencial, não linear. O processo, por sua vez, pode ser dito como a operacionalidade da língua em um contexto, o próprio texto.

A proposta das metafunções da linguagem (ideacional, interpessoal e textual), na qual se reconhece que a sentença é organizada simultaneamente como mensagem e como evento de interação, tem se constituído como opção diretiva de modelos funcionalistas. Halliday destaca o aspecto plurifuncional da linguagem, no que respeita aos fins internos e externos ao sistema lingüístico. Pluralidade refletida na organização interna da língua, e finalidades reveladas na própria estrutura lingüística.

Esses aspectos fazem convergir algumas dimensões das abordagens funcionalistas de Halliday (1973, 1985) e aquelas desenvolvidas, principalmente, por Dik, a partir da década de 1970.

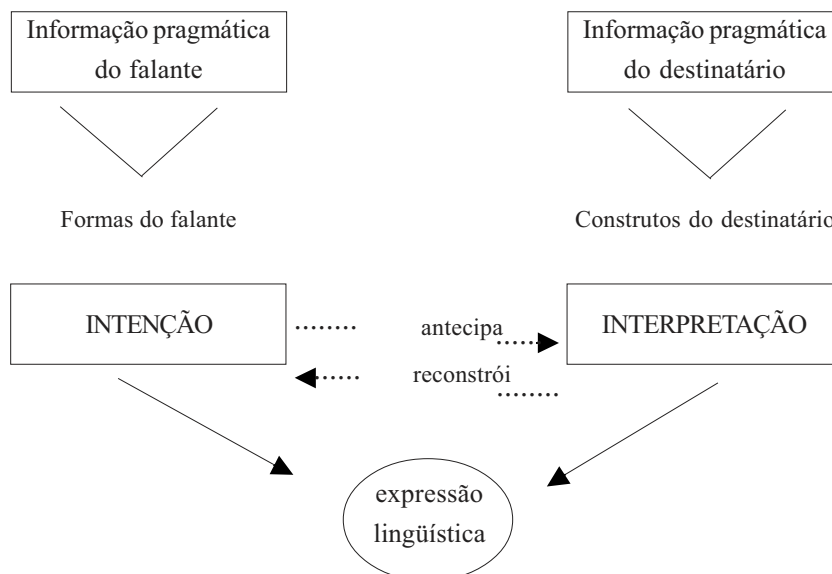
Na primeira versão de *Functional Grammar* (1980), Simon Dik diz que seu trabalho tem uma breve ligação com a Escola de Praga. Essa similaridade pode ser observada, principalmente, na visão da natureza da linguagem que serve de base para ambas as propostas teóricas. Dik, os estudiosos de Praga, e até mesmo Halliday, a partir de seus respectivos modelos, levam em conta as funções dos itens lingüísticos dentro de um amplo conjunto. Eles parecem deixar de lado a dicotomia entre língua e fala e a identificação da sincronia estática de Saussure, e consideram que uma teoria funcional sintática e semântica só pode ser desenvolvida com sucesso circundada por uma estrutura teórica pragmática, ou seja, uma teoria da interação verbal. A diferença entre as abordagens funcionalistas de Dik e da EP está na elaboração dos princípios que as regem.

Dik (1980, 1989) diz que uma teoria de gramática não deve ser matéria para exibir as regras da língua por suas próprias finalidades, mas deve tentar, enquanto possível, explicar essas regras em termos de sua funcionalidade no que tange às maneiras como elas são usadas e ao propósito final desses usos. Para se conhecer a essência da linguagem, deve-se observar o seu caráter instrumental e também as suas partes componentes em cada ocasião de uso.

Portanto, apesar de ter uma visão teleológica da linguagem, ou seja, de ver a comunicação como a finalidade básica da língua, Dik não segue os postulados de Bühler, nos quais a comunicação é tida como o

propósito para o qual a língua é usada. Para Bühler, a habilidade da língua para funcionar comunicativamente é que permeia toda a sua estrutura. Dik concebe a língua como um instrumento de interação social entre os seres humanos, usado com o propósito, entre outros, de estabelecer relações comunicativas. Essa concepção subjaz à proposta das metafunções da linguagem de Halliday, fundada na idéia de que os enunciados são organizados simultaneamente como mensagem e como evento da interação. Essa idéia está na base do modelo de interação de Dik (1989):

Figura 2. O modelo de interação verbal de Dik (1989, p. 8-9)



Nesse modelo, Dik leva em consideração os aspectos sociais, psicológicos e lingüísticos que subjazem à interação comunicativa. Nesse sentido, em qualquer estágio da interação verbal os usuários da língua possuem informações pragmáticas, e, ao dizer algo, o falante pretende efetuar algum tipo de modificação na informação pragmática do destinatário. Para que isso aconteça, o falante deve formar uma intenção

comunicativa, uma espécie de elaboração de um plano mental daquilo que ele espera causar pragmaticamente no destinatário. A questão para o falante está na formulação eficiente de sua intenção de maneira que tenha chance de fazer que o destinatário deseje a modificação da sua informação pragmática de acordo com o que ele (o falante) pretende. O falante, por sua vez, tenta antecipar a interpretação que o destinatário dará à sua expressão lingüística, em um dado estágio da sua informação pragmática. Dik faz questão de acentuar, ainda, que as expressões lingüísticas são mediadoras e não responsáveis pelo estabelecimento da relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário.

Dik (1989) entende como informação pragmática todo o conjunto de conhecimentos, crenças, assunções, opiniões e sentimentos disponíveis para um indivíduo em qualquer ponto da interação, enfim, tudo o que está no mundo mental do indivíduo.

O modelo de interação de Dik dá uma nova dimensão ao que temos visto como perspectiva funcional da frase. Gebruers (1987) diz que a GF pode ser vista como uma continuação, um desenvolvimento e um melhoramento das idéias da EP sobre a análise lingüística. Um exemplo desse melhoramento é a igual importância atribuída aos pontos de vista dos usuários da língua na relação de interação, ou seja, o reconhecimento de que falante/ouvinte, enunciador/enunciatário são indispensáveis e contribuem na mesma proporção para que a língua funcione comunicativamente.

Tanto para Halliday quanto para Dik, a noção de *função* não diz respeito aos papéis exercidos pelas expressões lingüísticas nos enunciados, mas aos múltiplos papéis que a linguagem exerce na vida dos indivíduos, às várias necessidades a que a língua serve. Essa multiplicidade funcional está refletida na organização interna, estrutural, da língua, tanto no léxico quanto na gramática. Isso significa dizer que “os itens que se estruturam nos enunciados são multifuncionais, não podendo considerar-se esgotada uma descrição de estrutura que se limite à indicação das funções gramaticais” (NEVES, 1997, p. 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso teórico esboçado neste artigo mostra que a concepção de funções da linguagem é fundamental para a formação do complexo teórico que identifica um dos pólos do pensamento lingüístico ocidental, o funcionalismo, que considera aspectos sociais, cognitivos e comunicativos das relações de interação. Fica evidenciado ainda que diferentes concepções de linguagem sustentam as concepções de funções da linguagem adotadas nesse modelo, explicitadas, especialmente, nos modelos de interação verbal de Jakobson e de Dik, respectivamente.

THE NOTION OF LANGUAGE FUNCTIONS: A THEORETICAL VIEW

ABSTRACT

This paper aims at showing the development of the notion of the function of language in functionalism which is a fundamental theme in this theoretical paradigm.

KEY WORDS: Function, language functions, language concept, functionalism.

NOTAS

1. Para mais informações a respeito dos princípios funcionalistas básicos e a constituição do paradigma funcionalista, veja Pezatti e Camacho, neste volume.
2. Predicação como atribuição de propriedades aos seres e aos objetos por meio da frase predicativa.
3. Optamos por traduzir para o português todas as citações em língua estrangeira, traduções sobre as quais a autora assume total responsabilidade.

REFERÊNCIAS

ASCOMBRE, J. C.; ZACCARIA, G. *Fonctionnalisme et pragmatique. À propos de la notion de thème*. Milão: Edizioni Unicopli, 1990.

CASSEB-GALVÃO, V. C. *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2001.

DANES, J. *Papers on functional sentence perspective*. Praga: Publishing House of the Czechoslovak Academy of Sciences, 1974.

_____. On Prague School functionalism in linguistics. In: DIRVEN, R.; FRIED, V. (Eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987. p. 3-38.

DAVIDSE, K. M. A. K. Halliday's functional grammar and the Prague School. In: DIRVEN, R.; FRIED, V. (Eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987. p. 39-80.

DIK, S. C. *Studies in Functional Grammar*. New York: Academic Press, 1980.

_____. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

_____. *The Theory of Functional Grammar - Part 2: Complex and derived Constructions*. Berlin/New York: Mouton Gruyter, 1997.

FIRBAS, J. Some aspects of the Czechoslovak approach to problems of functional sentence perspective. In: DANES, F. *Papers on functional sentence perspective*. Praga: Publishing House of the Czechoslovak Academy of Sciences, 1987. p. 11-37.

FONTAINE, J. *O Círculo Lingüístico de Praga*. São Paulo: Cultrix/Ed. USP, 1978.

GEBRUERS, R. S. C. Dik's functional grammar: A pilgrimage to Prague? In: DIRVEN, R.; FRIED, V. (Eds.). *Functionalism in linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987. p. 101-134.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. *Syntax I. A functional typological introduction*, v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GROOT, C. de; HENGEVELD, K. (Eds.). *Morphosyntactic expression in functional grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. (Functional Grammar Series, 27).

HALLIDAY, M. A. K. The place of “functional sentence perspective” in the system of linguistic description. In: DANES, F. *Papers on functional sentence perspective*. Praga: Publishing House of the Czechoslovak Academy of Sciences, 1973. p. 43-53.

_____. *Syntax and semantics*. Discourse and syntax. v. 12. New York: Academic Press, 1979.

_____. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HIRATA-VALE, F. B. de M. *A expressão da condicionalidade no português do Brasil: contínuo semântico-pragmático*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, 2005.

JAKOBSON, R. Linguística e poética. In: _____. *Linguística e comunicação*. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix/Ed. USP, 1969.

MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Eds.). *A new architecture for functional grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

MARTINET, A. Qu’est-ce que la linguistique fonctionnelle? In: *ALFA*, v. 38, p. 11-18, 1994.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OSÓRIO, N. (Ed.). *El círculo de Praga*. Valparaíso: Ediciones Universitarias de Valparaíso, 1971.